

Exercícios de Clarice Lispector

1. (UFRS) O romance de Clarice Lispector:

- a) Filia-se à ficção romântica do século XIX, ao criar heroínas idealizadas e mitificar a figura da mulher.
- b) Define-se como literatura feminista por excelência, ao propor uma visão da mulher oprimida num universo masculino.
- c) Prende-se à crítica de costumes, ao analisar com grande senso de humor uma sociedade urbana em transformação.
- d) Explora até as últimas consequências, utilizando embora a temática urbana, a linha do romance neonaturalista da Geração de 30.
- e) Renova, define e intensifica a tendência introspectiva de determinada corrente de ficção da 2ª geração moderna.

2. (ENEM)

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.

[...]

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré- história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. [...] Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes.

LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (fragmento).

A elaboração de uma voz narrativa peculiar acompanha a trajetória literária de Clarice Lispector, culminada com a obra *A hora da estrela*, de 1977, ano da morte da escritora. Nesse fragmento, nota-se essa peculiaridade porque o narrador:

- a) Observa os acontecimentos que narra sob uma ótica distante, sendo indiferente aos fatos e às personagens.
- b) Relata a história sem ter tido a preocupação de investigar os motivos que levaram aos eventos que a compõem.
- c) Revela-se um sujeito que reflete sobre questões existenciais e sobre a construção do discurso.
- d) Admite a dificuldade de escrever uma história em razão da complexidade para escolher as palavras exatas.
- e) Propõe-se a discutir questões de natureza filosófica e metafísica, incomuns na narrativa de ficção.

3. (ENEM) A tentação é comer direto da fonte. A tentação é comer direto na lei. E o castigo é não querer mais parar de comer, e comer-se a si próprio que sou matéria igualmente comível.

LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo G.H. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

O romance *A Paixão Segundo G. H.* é a tentativa de dar forma ao inenarrável, esbarrando a todo momento no limite intransponível das palavras. Tal paradoxo, vale dizer, é o que funda toda literatura clariciana.

ROSENBAUM, Y. No território das pulsões. In: Clarice Lispector. Cadernos de Literatura Brasileira. Instituto Moreira Salles. Edição Especial, cadernos 17 e 18, dez. 2004, p. 266.

A repetição de palavras é um dos traços constantes na obra de Clarice Lispector e remete à impossibilidade de descrever a experiência vivida. A repetição de “comer”, no trecho citado, sugere:

- a) União de significados contrários realizados para reforçar o sentido da palavra.
- b) Realce de significado obtido pela gradação de diferentes expressões articuladas em sequência.
- c) Ausência de significação em consequência do acréscimo de novas expressões relacionadas em cadeia.
- d) Equívoco no emprego do verbo em consequência do acúmulo de significados relacionados em sequência.
- e) Uniformidade de sentido expressa pela impossibilidade de transformação do significado denotativo do verbo.

4. (PUCCAMP) Leia com atenção os seguintes excertos de contos do livro *Laços de família*, de Clarice Lispector:

Mas ninguém poderia adivinhar o que ela pensava. E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última palavra.

(Feliz aniversário)

Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto - ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles.

(Amor)

Em ambos os excertos destaca-se um dos temas estruturadores do livro *Laços de família*, já que nele a autora:

- a) Explora o imaginário feminino, cuja natureza idealizante liberta a mulher de qualquer preocupação existencial.
- b) Denuncia o conformismo burguês da mulher, fazendo-nos ver que seus inúteis devaneios a afastam da realidade.
- c) Satiriza a hipocrisia dos laços familiares, propondo em lugar deles a harmonia de um mundo politicamente mais aberto e mais democrático.

- d) Desvela as tensões entre o universo íntimo e complexo da mulher e as condições objetivas do cotidiano em que ela deve desempenhar seu papel.
- e) Revela a solidez íntima da mulher, mais preparada para o sucesso das relações familiares do que o homem, obcecado por valores materiais.

Texto para as questões 5 e 6.

O sono do líder é agitado. A mulher sacode-o até acordá-lo do pesadelo. Estremunhado, ele se levanta, bebe um gole de água. Diante do espelho refaz uma expressão de homem de meia-idade, alisa os cabelos das têmporas, volta a se deitar. Adormece e a agitação recomeça. “Não, não!” debate-se ele com a garganta seca.

O líder se assusta enquanto dorme. O povo ameaça o líder? Não, pois se líder é aquele que guia o povo exatamente porque aderiu ao povo. O povo ameaça o líder? Não, pois se o povo escolheu o líder. O povo ameaça o líder? Não, pois o líder cuida do povo. O povo ameaça o líder?

Sim, o povo ameaça o líder do povo. O líder revolve-se na cama. De noite ele tem medo. Mas o pesadelo é um pesadelo sem história. De noite, de olhos fechados, vê caras quietas, uma cara atrás da outra. E nenhuma expressão nas caras. É só este o pesadelo, apenas isso. Mas cada noite, mal adormece, mais caras quietas vão se reunindo às outras, como na fotografia de uma multidão em silêncio. Por quem é este silêncio? Pelo líder. É uma sucessão de caras iguais como na repetição monótona de um rosto só. Nas caras não há senão a inexpressão. A inexpressão ampliada como em fotografia ampliada. Um painel e cada vez com maior número de caras iguais. É só isso. Mas o líder se cobre de suor diante da visão inócua de milhares de olhos vazios que não pestanejam. Durante o dia o discurso do líder é cada vez mais longo, ele adia cada vez mais o instante da chave de ouro. Ultimamente ataca, denuncia, denuncia, denuncia, esbraveja e quando, em apoteose, termina, vai para o banheiro, fecha a porta e, uma vez sozinho, encosta-se à porta fechada, enxuga a testa molhada com o lenço. Mas tem sido inútil. De noite é sempre maior o número silencioso. Cada noite as caras aproximam-se um pouco mais. Cada noite ainda um pouco mais. Até que ele já lhes sente o calor do hálito. As caras inexpressivas respiram – o líder acorda num grito. Tenta explicar à mulher: sonhei que... sonhei que... Mas não tem o que contar. Sonhou que era um líder de pessoas vivas.

(LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. São Paulo: Siciliano, 1992.)

5. (UERJ) Esse texto de Clarice Lispector nos leva à reflexão sobre a responsabilidade e a tensão inerentes ao papel do líder. Tal reflexão é desencadeada pela inquietação e pelo medo do personagem principal.

O desconhecimento das origens desses sentimentos que afligem o líder evidencia-se na seguinte passagem:

- a) “Não, pois se o povo escolheu o líder.” (l. 11)
- b) “Mas o pesadelo é um pesadelo sem história.” (l. 15 - 16)
- c) “Durante o dia o discurso do líder é cada vez mais longo,” (l. 29 - 30)
- d) “Até que ele já lhes sente o calor do hálito.” (l. 38 - 39)

6. (UERJ) O texto clariceano nos conta uma história de caráter universal. Uma das estratégias para alcançar esse efeito de universalidade está relacionada com a seguinte característica do texto:

- a) Ausência de foco narrativo
- b) Exploração das sequências descritivas
- c) Indeterminação do contexto espacial
- d) Especificação das circunstâncias temporais

Texto para as questões 7 e 8.

Havia a levíssima embriaguez de andarem juntos, a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta: eles respiravam de antemão o ar que estava à frente, e ter esta sede era a própria água deles. Andavam por ruas e ruas falando e rindo, falavam e riam para dar matéria e peso à levíssima embriaguez que era a alegria da sede deles. Por causa de carros e pessoas, às vezes eles se tocavam, e ao toque – a sede é a graça, mas as águas são uma beleza de escuras – e ao toque brilhava o brilho da água deles, a boca ficando um pouco mais seca de admiração. Como eles admiravam estarem juntos!

Até que tudo se transformou em não. Tudo se transformou em não quando eles quiseram essa mesma alegria deles. Então a grande dança dos erros. O cerimonial das palavras desacertadas. Ele procurava e não via, ela não via que ele não vira, ela que estava ali, no entanto. No entanto ele que estava ali. Tudo errou, e havia a grande poeira das ruas, e quanto mais erravam, mais com aspereza queriam, sem um sorriso. Tudo só porque tinham prestado atenção, só porque não estavam bastante distraídos. Só porque, de súbito exigentes e duros, quiseram ter o que já tinham. Tudo porque quiseram dar um nome; porque quiseram ser, eles que eram. Foram então aprender que, não se estando distraído, o telefone não toca, e é preciso sair de casa para que a carta chegue, e quando o telefone finalmente toca, o deserto da espera já cortou os fios. Tudo, tudo por não estarem mais distraídos

(*LISPECTOR, Clarice. Para não esquecer. São Paulo: Siciliano, 1992.*)

7. (UERJ) O texto de Clarice Lispector aborda, genericamente, o insucesso de relações amorosas.

Esse enfoque genérico está confirmado pelo uso da seguinte estratégia de construção textual:

- a) Inadequação de tempo e de espaço na narrativa
- b) Incoerência do discurso e da enunciação em 3ª pessoa
- c) Indiferença do autor e do enunciador aos fatos narrados
- d) Indeterminação dos nomes e de características dos personagens

8. (UERJ) O título do texto – “Por não estarem distraídos” – refere-se à causa do distanciamento dos amantes ao longo da relação estabelecida entre eles. A expressão não estarem distraídos apresenta o sentido de:

- a) Falta de dedicação
- b) Excesso de cobrança
- c) Necessidade de confiança
- d) Ausência de comprometimento